

# O CÔMICO COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA EM *A PEQUENA ILHA*, DE ANDREA LEVY

Érica Fernandes Alves

Mestre em Letras e Doutoranda em Letras (UEM – Universidade Estadual de Maringá)  
leka\_erica@hotmail.com

Elizandra Fernandes Alves

Mestre em Letras (UEM – Universidade Estadual de Maringá)  
elizzandra1@hotmail.com

## RESUMO

Baseando-se nas teorias desenvolvidas por Bhabha (1998), Ashcroft (2001), Figueiredo (1998), Alberti (1999), entre outras, analisa-se aqui o cômico como estratégia de resistência na literatura pós-colonial tendo como *corpus* o romance *A pequena ilha* (2004), da britânica Andrea Levy. Analisa-se, mais especificamente, o personagem negro e diaspórico Gilbert, investigando de que maneira o cômico pode ser visto como um instrumento de questionamento e resistência no contexto de opressão e racismo em que o personagem está inserido e até que ponto tal estratégia é capaz de contestar a suposta hierarquia e hegemonia do poder colonial.

**PALAVRAS-CHAVE:** cômico, negro, resistência.

## ABSTRACT

Based on the theories developed by Bhabha (1998), Ashcroft (1995, 2001), Figueiredo (1998), Alberti (1999), among others, the present article intends to analyze the comic as a strategy of resistance in postcolonial literature having the novel *Small Island* (2004), by British novelist Andrea Levy, as its corpus. The aim, more specifically, is to analyze the black and diasporic character Gilbert, investigating how the comic can be seen as an instrument of questioning and resisting in the context of oppression and racism in which the character is inserted and to which extent this strategy is able to challenge the supposed hierarchy and hegemony of colonial power.

**KEYWORDS:** comic, black, resistance.

A formação identitária e cultural do Reino Unido é resultado de invasões, conquistas e colonizações e, no entanto, até hoje perdura o mito de que os britânicos, não fosse a *corrupção* das migrações, se caracterizariam como uma nação homogênea. Sabe-se que há tempos os negros estão presentes na região, e que, portanto, fazem parte da identidade nacional, no entanto, o modo como sempre foram tratados revela como os britânicos têm dificuldade em reconhecer e aceitar essa alteridade que os separa. Autores contemporâneos têm, cada vez mais, trabalhado no sentido de traduzir tais mazelas pela veia literária, como acontece, por exemplo, no romance *A pequena Ilha* (2004, 2008)<sup>1</sup>.

A obra representa fatos históricos reais dos encontros entre britânicos e caribenhos ocorridos no período da Segunda Guerra Mundial e nos anos subsequentes a ela. A bordo do navio *SS Empire Windrush*, cerca de 500 caribenhos chegam à Grã-Bretanha no ano de 1948 como os primeiros negros civis a pisar naquela região. Os personagens recém-casados, Gilbert e Hortense, são emblemáticos desta situação. Ao adentrarem na *pequena ilha* chamada Inglaterra, eles se deparam com os sentimentos de surpresa, repulsa e, até mesmo, ódio exprimidos pelos seus habitantes. As expectativas de Hortense sobre a nova experiência são promissoras, mas para Gilbert, o qual já havia estado no país durante a Segunda Guerra Mundial, elas são bem diferentes. O desenrolar do romance revela como cada um destes personagens se relaciona e se adapta ao novo mundo encontrado por eles. Revela, ainda, as diversas formas de exclusão e outremização que o europeu inflige aos negros e, contrariamente, como os negros resistem e revidam a estas ações.

Dado o exposto, este trabalho tem por objetivo apontar, sob a perspectiva da crítica pós-colonial, como, diante do racismo advindo do encontro com o colonizador, o cômico é usado como estratégia de resistência pelo personagem diaspórico Gilbert Joseph. Abordam-se, igualmente, as estratégias de outremização e estereotipagens relacionadas à cor dérmica na tessitura de Andrea Levy, escritora britânica, filha de pais jamaicanos que vieram para o Reino Unido como imigrantes. Autora dos romances *Every Light in the House Burnin'* (1995), *Never Far from Nowhere* (1996), *Fruit of the Lemon* (1999) e *The Long Song* (2010), o racismo inglês, a exclusão do negro, e a resistência à hegemonia branca são *leitmotiv* em suas obras.

## A RESISTÊNCIA REVESTIDA DO CÔMICO EM A PEQUENA ILHA

Ao partir para o Reino Unido como soldado da RAF (*Royal Air Force*), o personagem Gilbert Joseph enfrenta seu primeiro problema: a diferença cultural entre ele e seus superiores. Os costumes dos jamaicanos - os quais eram chamados de *macacos*, *negrinhos*, *selvagens*, *crioulos*, *pretos*, entre outros - eram deliberadamente ridicularizados pelos soldados britânicos. De acordo com Figueiredo (1998, p. 65), é comum que o branco reaja negativamente à presença do negro com o intuito de desestabilizar sua subjetividade e, ainda, “enaltece as suas (do branco) qualidades, os méritos eminentes da civilização que representa e insiste sobre os defeitos, os deméritos do povo conquistado, seu atraso, sua pobreza, enfim, sua inferioridade”.

Gilbert consegue um posto como aviador na guerra, porém, por ser negro, é impedido de exercer a função, sendo relegado ao cargo de motorista. Mesmo a contragosto, o jamaicano se sujeita ao trabalho, passando por diversas humilhações dirigidas a ele por seus superiores, soldados brancos, e também civis. Ao ser enviado a uma base militar americana, perto daquela onde se encontrava, Gilbert é exposto a todo o tipo de ultraje, entretanto, ao invés de criar qualquer atrito, prefere manter-se em silêncio, utilizando da cortesia dissimulada. Segundo Bhabha (1998), através da cortesia dissimulada (*sly civility*) - uma falsa submissão do colonizado por meio da não contradição do discurso colonizador - o colonizado resiste ao colonizador de forma a não entrar em conflito direto com seus superiores e preservar sua identidade cultural.

Sendo um sujeito diaspórico, o personagem se encaixa em algumas das características postuladas por Safran (1991, apud COHEN, 1998) sobre o mesmo, como a do mito da terra natal: ao falar sobre a Jamaica, Gilbert o faz com saudosismo, lembrando as coisas boas de lá provenientes, como a comida, o clima e as cores vibrantes, e ao notar que não é bem vindo no novo país devido a sua cor e origem, procura estabelecer o mínimo de contato com os britânicos, permanecendo junto de outros jamaicanos, estabelecendo, assim, uma ética de solidariedade em relação ao seu igual.

Com o término da guerra, Gilbert retorna à Jamaica, mas, tempos depois, decide morar definitivamente no Reino Unido: afinal, ele lutara na guerra ao lado dos britânicos,

como qualquer outro soldado, era direito seu viver na Inglaterra. Durante o desenrolar de suas ações, percebemos que Gilbert revela um caráter avesso à assimilação dos costumes e tradições do colonizador, pois sua identidade jamaicana é constantemente ressaltada, e ele, diferentemente de outros jamaicanos, não faz questão de escondê-la ou disfarçá-la. Ashcroft (2001) argumenta que a não aceitação dos costumes do colonizador revela um dos modos mais eficazes de resistência ao poder colonial:

[...] a característica mais fascinante das sociedades pós-coloniais é uma 'resistência' que se manifesta como uma recusa em ser absorvido, [...] apropriando-se da força de influências exercidas pelo poder dominante, e transformando-a em ferramentas para expressar um sentimento de identidade e de cultura profundamente arraigados. Esta tem sido a forma mais generalizada, mais influente e mais comum de 'resistência' em sociedades pós-coloniais (ASHCROFT, 2001, p. 20, aspas simples do autor).

O típico comportamento jamaicano – despojado e alegre - é a característica peculiar do personagem de Gilbert: o modo de falar - sempre buscando o lado bom dos fatos que o cercam – denota sua origem e tradição. O jovem se mostra descontraído na maior parte do tempo, principalmente quando está junto de seus compatriotas; quando Hortense, sua esposa, por exemplo, chega da Jamaica, ele a recebe com brincadeiras e piadas:

- Hortense, o que é que você tem dentro desse baú? Sua mãe?

[...]

- Nesse baú eu tenho tudo de que vou precisar, obrigada Gilbert.

- Então você trouxe mesmo a sua mãe – disse Gilbert. Deu aquela sua risada, da qual eu me lembrava. Um estranho som de fungada saído da parte de trás de seu nariz, que fazia reluzir seu dente de ouro. Eu ainda estava sorrindo quando ele começou a esfregar as mãos e dizer:

- Bom, espero que tenha trazido goiaba, manga, rum e... (LEVY, 2008, p. 24-5).

A linguagem, verbal e não verbal, também traduz seu caráter espirituoso e alegre. O ato de sugar o ar por entre os dentes e a repetição do termo *arre*, denotam a tipicidade de sua *jamaicanidade*:

Qualquer um que escutasse Gilbert Joseph falando saberia sem hesitação que aquele homem não era inglês. Pouco importa que ele vestisse seu melhor terno, tivesse passado gomalina nos cabelos e limpado as unhas, continuava falando (e andando) de um jeito jamaicano grosseiro.

[...]

Mas Gilbert continuava a sugar o ar por entre os dentes. A cada dois segundos, o homem dizia 'arre', e não conseguia, por mais que eu insistisse, parar de exclamar 'ora, cara' a cada frase (LEVY, 2008, p. 44, ênfases da autora).

Vê-se, assim, que Gilbert insistia em não ser assimilado pelos costumes britânicos, pois acreditava que era o momento do Reino Unido repensar o futuro e as relações raciais que configuravam a mente dos britânicos. No entanto, apesar de sua obstinação em não se deixar marginalizar e perder sua identidade, Gilbert reconhecia que suas opções como indivíduo diaspórico eram restritas. Após dormir em lugares degradantes, sem conforto, Gilbert procura a pensão de Queenie, senhora britânica que ele conhecera durante a guerra. Ela lhe aluga um quarto - não muito melhor do que aqueles que ele havia encontrado até então - mas, mesmo assim ele o aceita, pois sabe que seria difícil encontrar outro com possibilidade de ser alugado para um negro em Londres.

O relacionamento de amizade que Gilbert achava existir entre ele e Queenie dá lugar a uma exploração que a britânica insiste em usar quando se dirige ao jamaicano. Gilbert já não era mais considerado um amigo, mas um subalterno, que se responsabilizaria pelos pequenos trabalhos que precisavam ser feitos na pensão. Apesar de a britânica necessitar do dinheiro que os negros lhe pagavam, ela os trata como seres inferiores e marginais. De forma cômica, Gilbert comenta o comportamento de sua senhoria:

O aluguel que Queenie nos cobrou me *fez limpar os ouvidos para perguntar de novo*. [...] Então, quando fui lhe entregar o aluguel da primeira semana, no sábado, ela me disse que alguém tinha deixado a porta aberta por tempo demais. No dia seguinte, quis que eu soubesse que alguém batera a porta com força demais. Alguma coisa estava cheirando mal em um dos quartos. Alguém estava fazendo barulho demais. Eu precisava dizer aos rapazes para não deixarem a luz acesa. Já disse aos rapazes para manter os quartos limpos? (LEVY, 2008, p. 218, ênfases nossas).

Gilbert acostuma-se a fazer pândega das situações que o assolam. Mesmo tendo que pagar muito caro pelo aluguel, ele se porta de maneira cômica, e este comportamento é reforçado durante todo o enredo. Observamos que isso denota o caráter do riso como “uma oposição entre a *ordem* e o *desvio*, com a conseqüente valorização do não-oficial e do não-sério, que abarcaria uma realidade mais essencial do que a limitada pelo sério” (ALBERT, 1999, p. 13, ênfases do autor).

Embora Gilbert não apreciase a forma como era tratado, ele faz uso da cortesia dissimulada, pois estava consciente que se não o fizesse, certamente seria despejado de seu quarto e teria que procurar outro lugar para morar, o que seria muito difícil, pois poucos

alugavam quartos para negros em Londres. Reclamando de sua condição para si mesmo, Gilbert conseguia aliviar sua decepção para com a *pátria-mãe*:

Por acaso e agora era seu zelador? Aquela mulher estava começando a me irritar tanto que passei a considerar *seu marido um homem sensato por esquecer o caminho de casa na volta da Índia*. Cara, se houvesse uma chance de desaparecer da sua frente, eu a agarraria na mesma hora (LEVY, 2008, p. 219, ênfases nossas).

Vê-se que, embora Gilbert esteja sendo nomeado subalterno, sua atitude é de pândega, de brincadeira. O jamaicano procura apoiar-se novamente na pilhéria para conseguir vencer os obstáculos que surgem em seu caminho. Alberti (1999, p. 15) ressalta que neste sentido o cômico “encerra uma situação extrema da atividade filosófica: permite pensar [...] o que não pode ser pensado”. É por meio do riso e da pilhéria que Gilbert reflete sobre sua vida e condição de subalterno naquela sociedade, bem como sobre a incongruência do pensamento racista britânico.

Apesar de reconhecer a rejeição do branco, Gilbert prossegue em seu cotidiano, com seu jeito despojado e brincalhão como qualquer outro jamaicano típico. Isso se torna sua agência, seu modo de encarar a visão negativista que o branco tem dele, rechaçando a marginalização que lhe é, a toda hora, imposta. Em nenhum momento o personagem deixa de acreditar em sua subjetividade; ao contrário, Gilbert mantém-se fiel à sua cultura e costumes, enxergando que a solução para o problema racial era a integração de negros e brancos, ou seja, a desconstrução do binarismo branco/negro. Seu riso tem um fundo ideológico que suaviza as injustiças e o horror a que é submetido. Alberti (1999, p. 27) comenta que uma das teorias sobre o riso diz respeito a esse alívio que ele provoca: “a teoria do alívio seria aquela que define o riso como liberação de energia nervosa”.

Em sua procura por emprego na cidade de Londres, a única vaga que o jamaicano encontra é a de motorista dos correios. Ao invés de se entristecer por estar desempenhando uma função subalterna, Gilbert fica satisfeito, pois antes de conseguir o emprego já havia recebido vários *nãos* de outras empresas. Ele reconhecia que o país havia acabado de sair de uma guerra e que empregos não estavam sobrando do mercado de trabalho, mas Gilbert perfilhava também que as negativas que recebia eram por causa de sua cor:

Depois de algumas semanas desse comportamento desalentador, foi como o Todo-Poderoso havia previsto. Este ex-aviador da RAF havia passado a nutrir amor por sua carteira de motorista integral e permanente. Cara, fiquei feliz como um menino no dia do aniversário quando minhas mãos finalmente acariciaram o frescor de um

volante como motorista dos correios. Ah, aquele livro celestial. Eu podia não estar estudando Direito ali na Pátria Mãe, mas vou lhes dizer uma coisa, para um jamaicano, um emprego de motorista era uma sorte grande, *mesmo que fosse sorte à moda inglesa* (LEVY, 2008, p. 309, ênfases nossas).

Em tom de brincadeira, ato extremamente comum em Gilbert, o jamaicano compara a conquista do cargo ao dia do aniversário de um garoto. Diferentemente dos outros personagens, como sua esposa, Hortense, Gilbert consegue rir das situações de desesperança por quais ele passa. O emprego, que há algum tempo atrás o teria desagradado profundamente, se torna a chave para a agência do jamaicano como um cidadão imigrante. Com o novo emprego e moradia, Gilbert poderia trazer sua esposa para vir morar com ele, mesmo tendo que enfrentar muitas dificuldades juntos.

A primeira dificuldade que assolou o jamaicano em seu novo emprego foi o preconceito por parte de seu supervisor e de seus colegas de trabalho. Por causa de sua pele negra, poucos desejavam ser seu parceiro de entregas. Após uma discussão com um colega de trabalho que se recusou em seguir a rota de trabalho ao lado do jamaicano, Gilbert vai conversar com o supervisor, que, por fim, o havia tirado de sua rota:

- Por quê? – perguntei a ele – Venho fazendo essa rota há semanas sem nenhum problema.
- Porque eu estou dizendo. Ele não quer trabalhar com você.
- Mas é o trabalho dele.
- E eu não o culpo. Eu disse que você daria problema.
- Não sou eu quem estou dando problema.
- Mais uma palavra, *crioulo*, e você está fora. Pode fazer a rota do King's Cross sozinho. Ou então pode pedir as contas. Entendeu? (LEVY, 2008, p. 311, ênfase nossa).

Embora Gilbert discordasse internamente do modo como fosse tratado, ele se posiciona como um sujeito marginal, pois sabe que, naquele momento não deve questionar a atitude do homem branco. Sua atitude, embora seja de subserviência e aceitação, configura uma espécie de estratégia para evitar seu rechaçamento iminente, caso ele revidasse pela violência física. A atitude colonizadora de se portar de maneira violenta e inescrupulosa para dominar e manter seu domínio sobre os sujeitos colonizados sempre foi ambivalente, pois, ao mesmo tempo em que os colonizadores acusavam os colonizados de serem degenerados e selvagens, eram eles que utilizavam da força bruta para possuir.

Gilbert percebe que a violência só fará com que os homens que o insultam confirmem que ele é um selvagem, assim, ele resiste pacificamente.

A vida de Gilbert, no quarto alugado da velha mansão de Queenie, torna-se absurdamente impossível após a volta de seu marido, Bernard Bligh, da guerra, já que as discussões entre os dois, acerca da forma como o último trata Gilbert, são constantes:

- Sabe qual é o seu problema, cara? – perguntou – A sua pele branca. Você acha que ela torna você melhor do que eu. Acha que ela lhe dá o direito de mandar num homem negro. Mas sabe o que ela o deixa? Quer saber o que a sua pele o deixa, homem? Ela o deixa branco. Só isso, cara. Branco. Nem melhor, nem pior do que eu... apenas branco.

[...]

- Será que eu devo ser o seu criado e você o senhor para sempre? Não. Pare com isso, cara. Pare com isso agora. Nós podemos trabalhar juntos, Sr. Bligh. Não está vendo? (LEVY, 2008, p. 518).

Nesse momento, o jamaicano expõe abertamente sua posição em relação à sua marginalização, não aceitando ser taxado de inferior apenas por sua aparência. Agindo dessa forma, Gilbert revela sua subjetividade e desmistifica a *brancura* como analogia de tudo o que é superior. Com seu discurso despojado de preconceitos, Gilbert desconstrói a ideia de que por causa da cor de sua pele ele é ignorante e aculturado e que o branco é o detentor do conhecimento e da soberania. O jamaicano não aceita ser desprezado por causa de sua cor e convida Bernard a esquecer as diferenças entre eles, como forma de aceitação das diferenças existentes. Percebe-se, aí, a proposta do hibridismo: a abertura para o outro, para o diferente.

Gilbert e sua esposa, Hortense, são metonímia de todos os negros que lutam por condições melhores, que respeitam a alteridade e rechaçam a outremização. A reação cômica do jamaicano ao preconceito solapa a hegemonia branca e seus pressupostos ideológicos baseados em conceitos hierarquizantes de *raça* e *soberania*. Ilustrando a situação dos primeiros sujeitos diaspóricos que adentram o Reino Unido em busca de oportunidade e reconhecimento, o casal jamaicano demonstra que o negro foi fundamental para a construção atual da verdadeira identidade multicultural britânica.

Aos poucos, as personagens negras do romance vão desconstruindo a ideologia binária essencialista que o branco persiste em utilizar. A partir do momento em que o casal jamaicano abre seus olhos para as estratégias de dominação e racismo que o branco utiliza

para dominar e subjugar o negro, eles passam a resistir e a revidar. Em alguns momentos, sua resistência e revide são manifestados apenas interiormente, outras vezes, em forma de questionamentos que desestabilizam a suposta superioridade do branco, e, ainda, através de pilhéria e comicidade. A agência do sujeito colonizado diaspórico constitui-se uma importante arma que subverte a soberania do discurso do colonizador. Segundo Bonnici (2005):

A agência é a capacidade de agir de modo autônomo, determinado pela construção da identidade. Na teoria pós-colonial, agência, intimamente ligada à subjetividade, é a capacidade do sujeito pós-colonial reagir contra o poder hierárquico do colonizador, Como a subjetividade é construída pela ideologia, pela linguagem e pelo discurso, a agência deve ser uma consequência de, pelo menos, um desses fatores. Embora a colonização tenha influenciado sobremaneira o sujeito e tornado difícil escapar de suas limitações, a agência do sujeito pós-colonial é possível, como as lutas pró-independência e a literatura pós-colonial (BONNICI, 2005, p. 13).

Ao longo da história da colonização, observamos que a literatura vem acompanhando os processos de outremização e de resistência do sujeito negro em variados contextos. De forma generalizada, verificamos que essas duas ações contrárias podem assumir diversas facetas que estão sujeitas entre si; neste caso, a resistência empregada depende muito mais da forma que a outremização se dá do que vice-versa. Nesse âmbito, é relevante ressaltar que não há uma fórmula correta para que a resistência tenha eficácia e consiga subverter a falange de objetificação criada pelo aparato colonial; na verdade, há tentativas.

Nesse artigo, procuramos observar algumas dessas tentativas, tendo como ênfase o estudo do personagem Gilbert do romance *A pequena ilha*, o qual vê no riso uma brecha para resistir à marginalização e com a perspectiva de minimizar os efeitos psicológicos causados pela discriminação. Se tal estratégia é efetiva para solapar a ideologia outremizadora é algo que não se pode afirmar, mas podemos intuir que ela foi de grande valia para que a personagem conseguisse suportar as dificuldades advindas do preconceito e seguir em sua busca por um lugar social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gilbert é a personagem que representa a simplicidade e informalidade do povo jamaicano. Em geral, a cultura e costumes jamaicanos difundidos ao redor do mundo

revelam o caráter informal, alegre e até cômico do povo. Gilbert não foge dessa perspectiva. Aliás, essa é a característica que melhor descreve seu caráter. Seus gestos, modo de se vestir e de falar refletem a maneira como o jamaicano estava ligado à sua cultura nativa.

O jamaicano sustenta o sonho de morar no Reino Unido porque percebe que sua ilha é pequena demais para seus sonhos. Ele deseja encontrar um bom emprego, firmar-se como cidadão e, posteriormente, estudar e se tornar um advogado. Entretanto, percebe que esses desejos dificilmente se realizariam a partir do momento que sua cultura se choca com a cultura da *pátria-mãe*. Apesar de não ter recebido educação formal, Gilbert tem uma percepção aguçada do racismo em que a sociedade britânica está imersa e de como ele seria tratado naquele país. A partir desta descoberta, Gilbert reflete sobre o Reino Unido e descobre que aquele país também era uma pequena ilha, por estar muito fechada às transformações sociais pelas quais o mundo estava passando.

Apesar de se dar conta de sua posição marginal naquela sociedade, de ser atacado com palavras violentas e racistas, de ocupar cargos ínfimos e morar em um lugar deprimente, Gilbert sustenta sua identidade cultural. O jamaicano procura encarar as dificuldades, fazendo galhofa dos problemas e dificuldades que o assolam por causa de sua cor, evitando um confronto direto e violento com o europeu, apesar de que, em alguns momentos, a violência parece ser o único subterfúgio que resta para lutar contra a exclusão social. Conclui-se que seu comportamento cômico constitui-se como um instrumento muito importante para resistir às dificuldades impostas pelo branco, bem como para solapar a soberania do sujeito colonizador.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. *O riso e o risível: na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. FGV, 1999.

ASHCROFT, B. *Post-Colonial Transformation*. London: Routledge, 2001.

BHABHA, H. K. *The location of culture*. London: Routledge, 1998.

BONNICI, T. *Conceitos-Chave da Teoria Pós-Colonial*. Maringá: Eduem, 2005.

COHEN, R. *Global Diasporas: An Introduction*. Washington: UCL Press, 1998.

FIGUEIREDO, E. *Construção de Identidades Pós-Coloniais na Literatura Antilhana*. Niterói: Eduff, 1998.

LEVY, A. *A pequena ilha*. Trad. de Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

**Como citar este artigo:**

ALVES, F. Elizandra & ALVES, F. Érica. O Cômico como Estratégia de Resistência em *A Pequena Ilha*, de Andrea Levy. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 18, jul.-ago. 2014, p. 26-36. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num18/dossie/palimpsesto18dossie03.pdf>. Acesso em: *dd mmm. aaaa*. ISSN: 1809-3507

---

1 A obra foi publicada originalmente em língua inglesa em 2004. No presente artigo utilizaremos, no entanto, a versão traduzida para a língua portuguesa, publicada em 2008.